

# O transbordamento dos arquivos de telejornalismo em meios digitais<sup>1</sup>

## The Overflowing of TV Newscast Files in Digital Media

José Jullian Gomes de Souza<sup>2</sup>

DOI: 10.19177/memorare.v8e22021111-123

**Resumo:** Esse estudo se configura como uma proposta teórica-conceitual em compreender a presença dos arquivos de telejornais em ambientes digitais, a partir da ideia de transbordamento. Desse modo, busca-se apresentar um histórico sobre as plataformas digitais para a expansão desse conteúdo telejornalístico na internet, bem como uma linha do tempo acerca do uso dessas plataformas pelas emissoras de televisão brasileiras. O quadro metodológico é composto por uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e bibliográfico, na qual debruçou-se sobre o arcabouço teórico-reflexivo sobre o transbordamento desses arquivos em meios digitais, mediante a discussões presentes em pesquisas de Renault (2014; 2015a) e apontamentos iniciais sobre a importância da salvaguarda desses em Brasil e Frazão (2012), Porcello, Ihitz e Peixoto (2015) e Silva (2018; 2020). Identificou-se o uso de três principais plataformas digitais para o transbordamento: sites, redes sociais e serviços de streaming. O uso dessas plataforma estabelece novas formas de armazenamento, dispersão e o desenvolvimento de um sistema de memória audiovisual digital, bem como o desenvolvimento de novas interações entre audiência e telejornal na internet. Além, de uma (re)configuração no acesso e uso dessas imagens.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Arquivamento. Ambientes digitais.

**Abstract:** This study configured as a theoretical-conceptual proposal to understand the presence of the news archives in digital environments, based on the idea of overflow. In this way, we seek to present a history of digital platforms for the expansion of this television news content on the internet, as well as a timeline about the use of these platforms by Brazilian television stations. The methodological framework consists of a qualitative research, exploratory and bibliographic, in which it looked at the theoretical-reflective framework on the overflow of these files in digital media, through discussions present in Renault research (2014; 2015a) and initial notes on the importance of safeguarding these in Brazil and Frazão (2012), Porcello, Ihitz and Peixoto (2015) and Silva (2018; 2020). The use of three main digital platforms for overflow identified: websites, social networks and streaming services. The use of these platforms establishes new forms of storage, dispersion and the development of a digital audiovisual memory system, as well as the development of new interactions between audience and television news on the internet. In addition, a (re) configuration in the access and use of these images.

**Keywords:** Telejournalism. Archiving. Digital environments.

<sup>1</sup> Artigo apresentado no 2º Seminário Internacional Imaginário e Memória: Conexões e Presença.

<sup>2</sup> Jornalista pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Biblioteconomia pela Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri. jullianjose64@gmail.com

## 1 Introdução

O surgimento da internet, da cibercultura e das transformações nos processos infocomunicacionais, mediados pelo computador e outros dispositivos tecnológicos de acesso à informação, não alterou apenas as formas de produção no cenário do jornalismo – tratando-se especificamente do telejornalismo. Com a abertura da comunicação no formato digital foram estabelecidos novos modelos de disponibilização da informação, passando pelo acesso, uso e (re)apropriação para a construção de uma memória audiovisual em ambientes digitais como observada em sites, redes sociais, aplicativos de vídeos e serviços de *streaming*<sup>3</sup> (seja de forma institucionalizada ou produzida por outros sujeitos, a exemplo de canais na plataforma YouTube). Dessa forma, é possível dialogar sobre o transbordamento do telejornalismo nos meios digitais, a partir dos arquivos de vídeo disponibilizados na internet.

De acordo com Renault (2014; 2015a), há um movimento de transbordamento do território simbólico do telejornalismo frente aos novos espaços tecnológicos de comunicação. Esse transbordamento possibilita que a informação audiovisual jornalística ou a informação telejornalística esteja presente nas páginas da web. Mas, o que significa o fenômeno do transbordamento? De forma sintetizada, Renault (2014) explicita que o transbordamento reside na possibilidade que os conteúdos do jornalismo televisivo têm de se espalharem (transbordar) para além da televisão. Ou seja, a partir do processo de convergência tecnológica há um diálogo desse conteúdo com diferentes mídias, com diferentes telas a exemplo da web. Com isso, o telejornalismo parte de um fluxo inicial de emissão, a tela da televisão, e passa a estar presente em inúmeras telas móveis e portáteis presentes na vida dos sujeitos sociais.

Essa tessitura tecnológica, informática e comunicacional – aplicada ao contexto da produção telejornalística e difundida com as transformações socioculturais, políticas e econômicas – direciona para a discussão sobre os arquivos de telejornais, o armazenamento e a disponibilização no ambiente midiático digital. Esse ambiente se apresenta, de modo geral, como uma abertura para o acesso remoto aos documentos audiovisuais jornalísticos que antes se encontravam restritos no Centro de Documentação e Arquivo (Cedoc).

Renault (2015a, p. 1) identifica que “[...] a tecnologia digital possibilitou que reportagens e demais conteúdos telejornalísticos fiquem à disposição do internauta [...]” nos ambientes digitais – o que se configura, inicialmente, como uma possibilidade de acesso e uso da informação telejornalística num ambiente de acesso seja de forma gratuita ou mediante uma assinatura mensal dos portais jornalísticos. A visualização dessa nova ambientação compreende o final do século XX a primeira década do século XXI, em que o ciberespaço criou sites para que os conteúdos possam circular na internet numa emissão aberta (RENAULT, 2015b), remota e assíncrona.

Assim, a discussão sobre a disponibilização digital aos arquivos de telejornalismo na internet é observada nos estudos de Brasil e Frazão

---

<sup>3</sup> Uma tecnologia que permite a transmissão de conteúdo em áudio e vídeo pela internet como a Netflix, Globoplay, HBO Go, Amazon Prime, Disney +, entre outros.

(2012) e, pontualmente, nas pesquisas de Porcello, Ihitz e Peixoto (2015) e Silva (2018). Todavia, os autores não se propõem, de modo detalhado, a discorrer sobre os aspectos do arquivamento em ambientes digitais – como possibilidade de preservação e disponibilização. E, essa identificação se apresenta como um vislumbre para a exploração da temática no presente artigo e no campo de pesquisa da comunicação.

Diante do exposto, o questionamento suscitado nesse estudo é: como ocorre o transbordamento dos arquivos de telejornais de emissoras de televisão para os meios digitais? Como objetivo geral do estudo, buscou-se compreender como o transbordamento dos arquivos de telejornais em ambientes digitais possibilita a discussão sobre arquivamento, disponibilização, audiência, acesso e uso desses documentos/conteúdos na internet. Uma vez que, no contexto histórico, esses documentos audiovisuais telejornalísticos estiveram e ainda estão reféns de arquivos privados em emissoras de televisão. E, como destaca Brasil e Frazão (2012), tais documentos funcionam como uma fonte histórica sobre a história do país. Todavia, a visualização desses arquivos, ainda que de forma parcialmente disponibilizada na internet, introduz questões a serem refletidas sobre a utilização de tais plataformas visando o acesso e uso de sujeitos externos à empresa.

Para a realização da pesquisa adotou-se como abordagem a pesquisa qualitativa, visando compreender como o fenômeno em discussão vem sendo abordado, num caráter histórico, pelas pesquisas no âmbito da Comunicação e especificamente no telejornalismo. Como forma de visualizar a ocorrência dessa discussão, realizou-se um levantamento bibliográfico em bases de dados de eventos nacionais: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar), além da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no período 2010-2020. Como forma de filtrar as pesquisas adotou-se o uso de termos (palavras-chave) para a recuperação da informação presentes no título, resumo e palavras-chave como: transbordamento, telejornalismo, arquivo, acesso e ambiente digital.

Foram selecionados (3) artigos de periódicos, (5) artigos de anais, (2) capítulos de livros e (1) dissertação para compor a análise do material bibliográfico sobre a temática pesquisada. A partir da leitura desse material evidencia-se uma fragmentação das informações, visto que o objeto geral de tais pesquisas coletadas não parte da compreensão do transbordamento, mas de outras questões principais e, pontualmente, são identificadas algumas problematizações sobre a questão levantada nessa pesquisa.

O que se configura como uma oportunidade em contribuir para a comunicação e o telejornalismo, acerca do papel do transbordamento sobre o conteúdo dos telejornais na internet. Para fazer alguns apontamentos sobre o transbordamento dos arquivos de telejornais na internet utilizou-se como exemplos os telejornais matutinos: Bom Dia Brasil, da Rede Globo e o Fala Brasil, da Record TV, especificamente as edições do dia 6 de abril de 2020.

Identificou-se o uso de três principais plataformas digitais para o transbordamento: **sites**, **redes sociais** e **serviços de streaming**. O uso dessas plataforma estabelece novas formas de armazenamento,

dispersão e o desenvolvimento de um sistema de memória audiovisual digital, bem como o desenvolvimento de novas interações entre audiência e telejornal na internet. Além, de uma (re)configuração no acesso e uso dessas imagens de modo assíncrono em relação à televisão. Contudo, há a identificação de limitações tanto na disponibilização, quanto no acesso e uso de tais arquivos audiovisuais.

## 2 Telejornalismo e arquivo

Antes de adentrar a discussão central é preciso destacar o sentido de uso do termo “arquivo” na telejornalismo. O termo se diferencia da denominação de áreas relacionadas à Informação – área em que a temática é amplamente discutida. No campo da Ciência da Informação, a qual agrega os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, o termo remete ao que os autores compreendem por instituição/departamento (espaço), físico ou digital destinado ao armazenamento, tratamento e salvaguarda de documentos.

De acordo com Edmondson (2017), o arquivo não é somente o lugar que arquiva, mas também realiza a preservação e a promoção do conteúdo armazenado. Na construção do acervo audiovisual propõe-se uma organização para a salvaguarda e acesso mediante a reunião, preservação e promoção tendo como suas atividades pilares: administrar, preservar e facilitar o acesso e uso.

A invenção do arquivo moderno, enquanto lugar físico de coleta e rastreamento da produção social de documento, data do contexto histórico da Revolução Francesa (RICOEUR, 2007). O arquivo está relacionado com a necessidade que o homem possui de registrar o seu cotidiano, compreendendo esse lugar a partir de uma conjuntura de representações discursivas mediando as informações armazenadas contidas em documentos e disponibilizadas nesses espaços (o arquivo) (VIEIRA, 2016).

Já no telejornalismo, o termo arquivo perpassa por outra compreensão. O que o telejornalismo denomina e compreende por “arquivo de imagens” é o que as áreas da Informação entendem como o objeto informacional: o documento, no caso em questão especificamente o documento audiovisual. Todavia, por se tratar de um estudo ambientado no contexto da comunicação será utilizada nesta pesquisa a denominação “arquivo de imagem” ao longo do estudo, compreendendo este não como um espaço, mas como o objeto de informação. Ou seja, o produto audiovisual em si resultante do armazenamento do conteúdo do telejornal.

Mediante essa exposição, a problemática que perpassa o arquivo de telejornal centra-se sua atenção nas estratégias de arquivamento, disponibilização e da manutenção da audiência com o público para além do espaço televisivo. Além disso, a discussão da pesquisa identifica a abertura, ainda que de forma parcial do acesso e uso, não somente do público interno, mas do público externo à organização jornalística.

A história do século XX é marcada pela imagem em movimento. Sendo fundamental que os arquivos de imagem sejam preservados visto que funcionam como documentos históricos que resguardam a memória e a história da sociedade. E mais do que preservados nos centros de documentação das emissoras de televisão, que o seu acesso, seja de

forma parcial ou total, possa ocorrer em diálogo com as tecnologias digitais de disponibilização e acesso às imagens. Pois, o uso de tais tecnologias na sociedade contemporânea possibilita uma melhor dinamicidade ao acesso à informação.

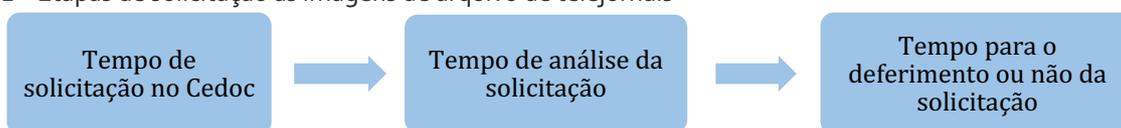
O arquivo de imagem, desse modo, funciona como esse documento, esse registro audiovisual de cunho jornalístico de um tempo específico da história e que resguarda a memória social. Visto que, o telejornalismo tem apenas 70 anos de existência no país, e vem documentando incontáveis momentos e acontecimento nacionais e internacionais da história da humanidade – ainda que seja necessário destacar que essa documentação necessita de atenção e um olhar investigativo sobre a sua construção.

De acordo com Silva (2020), esses acervos audiovisuais estão sob o domínio das empresas privadas no Brasil. Contudo, é importante relativizar que os exemplos citados pelos autores são os das emissoras de televisão. Uma vez que as emissoras educativas e universitárias, também com um vasto acervo audiovisual no Brasil, serem disponibilizados em plataformas digitais – sobretudo as TVs Universitárias.

Desse modo, esses específicos conteúdos audiovisuais telejornalísticos ainda se encontram armazenados em arquivos e centros privados de documentação das emissoras de TV. E no que se refere ao acesso a esses conteúdos ainda é limitado, sendo um dos pontos principais de discussão no cenário atual. Além disso, também é necessário destacar a **não obrigatoriedade do depósito de cópias da produção audiovisual de televisão** como em alguns países, o que dificulta o acesso de pesquisadores ao acervo da programação dos telejornais (SILVA, 2020).

Nessa perspectiva, a privatização desses arquivos em centros de documentos da televisão em organizações privadas, restringe o acesso e uso mediante a todo um processo de solicitação perante as empresas. Como exemplo, tem-se os pesquisadores da área do telejornalismo que necessitam utilizar esses arquivos de imagem para a realização de pesquisas e análise das imagens. Contudo, há etapas a serem seguidas e não há garantias para que esse acesso ocorra. A seguir, exemplificamos esse processo para que ele seja nitidamente visualizado:

Figura 1 – Etapas de solicitação às imagens de arquivo de telejornais



Fonte: Elaboração própria baseada em Brasil e Frazão (2012).

Esse processo ainda inclui: (i) o envio de um ofício explicitando os motivos e o fins do uso desses arquivos; (ii) aguardar a análise do pedido, sem um prazo definido pela instituição e; (iii) o risco de não ocorrer o deferimento da solicitação, o que pode comprometer o andamento da pesquisa. Esse feito coloca em reflexão a questão do próprio acesso à memória audiovisual jornalística proveniente desses arquivos de telejornais privados.

Essa reflexão apresenta novos contornos com o surgimento e alargamento das novas tecnologias da informação e comunicação, que apropriadas pelo telejornalismo – ainda de forma incipiente e, não necessariamente visando a salvaguarda e o armazenamento – realocam e dispersam esses arquivos para a circulação e presença em ambientes digitais de informação.

### 3 Os ambientes digitais

A compreensão do mundo do ciberespaço e do mundo real não sugere, neste estudo, um aprofundamento da discussão entre o real e o virtual. Pontua-se, contudo, que esses ambientes convergem em sincronia com meios e processos que trafegam pelas paredes e muros invisíveis que ora separam, ora aproximam a coexistência de ambos. O que sugere a percepção dos ambientes digitais tanto como uma expansão dos ambientes físicos de informação, quanto um ambiente que constrói a sua própria lógica de funcionamento, interação e comunicação. Deste modo, é

Com ao advento da cibercultura, que tem em seu cerne **a troca de informações por meio das tecnologias digitais em rede**, se ampliaram de maneira bastante significativa as possibilidades de construção de conhecimento, por meio do **aumento do acesso à informação** (MACEDO; CASTILHO, 2014, p. 483, grifos nossos).

De acordo com Lévy (1999, p. 94), o ciberespaço é “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Esse espaço foi idealizado mediante a usabilidade das novas tecnologias digitais e, hoje, se apresenta como algo “naturalizado” na vida dos sujeitos sociais. Essa naturalização é decorrente das próprias transformações dos processos comunicacionais, visto que facilita o processo de interação entre os sujeitos, diminui a velocidade e o tráfego da informação e acesso aos serviços e produtos – que antes era restrito ao modo físico.

Esse processo trouxe profundas transformações nos hábitos cotidianos, nos espaços urbanos e nas organizações fazendo emergir novas formas de comunicação e sociabilidade. É o que Castells (2001) explicita como sendo a Era da Informação, caracterizada pela convergência tecnológica e pela informatização das sociedades contemporâneas. A visualização dessa (re)estruturação está diretamente relacionada com o cenário da introdução dos arquivos de telejornais na internet, desde os primeiros sites até a sua disponibilização (gratuita ou não) em serviços de *streaming*.

A inserção desses arquivos na internet possibilita uma observação sobre as atuais práticas de disponibilização, acesso e uso da memória televisiva, especificamente da memória voltada para os acontecimentos midiáticos advinda com a produção do jornalismo televisivo. Não somente como forma histórica de investigar tais produções em diálogo com os novos meios e plataformas de comunicação, mas como modo de interlocução para a ampliação da audiência do telejornalismo nas redes digitais.

Nesta perspectiva, a convergência assume uma função essencial: o estreitamente entre os diversos e diferentes meios fazendo emergir uma interação de tal modo que modificou os modos de consumo, bem como

os processos de produção, compartilhamento, acesso e uso de uma memória que também passa a ser construída no ambiente digital. Assim, a memória dos conteúdos audiovisuais jornalísticos passa a circular no ambiente digital fazendo expandir o mundo televisivo na internet.

A inclusão e disponibilização dos arquivos de telejornais na internet, nesse sentido, está condicionada aos rearranjos próprios da sociedade. Essa inserção é decorrente de reordenamentos sociais, culturais, econômicos, políticos e também tecnológicos. Contudo, é necessários se debruçar sobre os condicionamentos que estão inferidos nessa “abertura” ao acesso e uso desse material telejornalístico advindo da esfera privada das emissoras de televisão no Brasil.

Esses **condicionamentos** ao acesso são articulados com a necessidade de uma assinatura mensal aos portais de notícia (para acesso integral ao conteúdo), hoje já mais flexibilizada diante a expansão das redes sociais digitais e a inserção do conteúdo em diálogo com o próprio andamento do telejornal; um acesso parcialmente aberto, como o caso do Memória Globo em que disponibiliza determinados fragmentos de conteúdos e; os já mencionados serviços de *streaming* que funcionam sob a mesma lógica do início dos portais telejornalísticos entre o século 20 e 21.

Nesse sentido, ao serem realocados e expandidos para o ambiente digital, ainda que não intencionalmente num primeiro momento, é estabelecido tanto uma nova possibilidade de arquivamento, como de disseminação, acesso e uso. Esse direcionamento na área da Comunicação é pertinente ao destacar a questão do arquivamento e disponibilização do conteúdo produzido, sobretudo pelas emissoras de televisão – observadas como detentoras de uma História do Brasil. E promover o compartilhamento desses arquivos de modo a dinamizar o acesso à informação, partindo da utilização desses ambientes e tecnologias digitais. Uma vez que o sistema de comunicação eletrônico e digital direciona para a visualização do transbordamento do telejornalismo na internet.

Frente ao que foi exposto, entende-se que o transbordamento facilita o acesso ao conteúdo arquivado do telejornalismo das emissoras privadas. Contudo, é preciso salientar que as questões relativas ao uso dessas imagens está condicionada às emissoras, que detêm os direitos autorais. Assim, destaca-se o transbordamento do conteúdo da televisão para as mídias digitais, em um movimento que permite acesso aos arquivos de forma aberta e o conteúdo desses arquivos permanece privado.

#### 4 Transbordamento audiovisual em meios digitais

O transbordamento pode ser compreendido como “[...] a capacidade que os conteúdos telejornalísticos adquiriram de **fluírem pelas diversas telas digitais**, graças às características hipertextuais e multimidiáticas do ambiente web” (RENAULT, 2014, p. 2, grifo nosso). Ou seja, o ato de transbordar está relacionado com o de **expansão**, de **extensão** de um meio principal/inicial (o televisivo) para outros meios (como o digital), também visualizado como um processo de convergência. O efeito ocasionado por tal movimento é o das **múltiplas**

**plataformas disponibilizando e espalhando** os conteúdos audiovisuais na internet.

O transbordamento passa a ser visto como uma estratégia das empresas jornalísticas de aproximação com o público para além do tempo presente do telejornal. O aqui e agora construído pelo telejornalismo é reconfigurado no sistema digital, fazendo com que as reportagens sejam fragmentadas; construindo uma nova lógica e reordenação da apresentação das notícias de acordo com as intenções da audiência e; a permanência desses arquivos em caráter aberto na internet. O que altera completamente a lógica *broadcast*<sup>4</sup> da televisão.

Dessa forma, como coloca Vasconcelos (2016), o conceito de transbordamento perpassa a compreensão de uma nova jornada, de um novo corpo comunicacional frente as dinâmicas atuais das mídias digitais. Com isso, há um redimensionamento do fazer telejornalismo, pois “[...] uma vez encerrado [o telejornal], o momento de exibição não permanece à disposição do telespectador, a não ser que ele utilize recursos acessórios de gravação e armazenamento” (RENAULT, 2014, p. 265). Assim, os meios digitais propiciam a abertura e a expansão desse conteúdo sem o imediatismo da TV.

Essa perspectiva trouxe para o telejornalismo uma possibilidade de aproximação com a audiência nas mídias digitais. O telejornal não está mais presente apenas na TV. Agora ele circula em novos fluxos comunicacionais mediados pelas plataformas na internet. Assim, é construído um território simbólico de enunciação no qual os arquivos de telejornais se inserem almejando o acesso à informação, mas também reconfigurando a construção de uma memória telejornalismo no ambiente on-line.

Desse modo, a percepção do transbordamento com a presença dos arquivos de telejornais em meios digitais, age como uma extensão do telejornalismo nas plataformas digitais. O que torna possível refletir sobre uma ruptura de acesso, parcial, desses arquivos audiovisuais antes retidos nos centros de documentação das empresas televisivas. Com isso, essa discussão se configura como um proposta ainda em caráter introdutório sobre o armazenamento, acesso e uso das imagens de arquivo na internet.

De modo geral, a compreensão do transbordamento dos arquivos de telejornalismo na internet está entrelaçada, para além de uma estratégia de audiência, com as transformações ocasionadas pelos aspectos socioculturais que são próprios da sociedade. É uma adaptação, assim como tantas outras que foram e que serão feitas, a um comportamento de sobrevivência. Da mesma forma que o impresso tem migrado para o on-line, o rádio se expandindo para o uso do *podcast* a televisão tem convergido cada vez mais com esse ambiente multiplataforma.

## 5 Reflexão sobre o arquivamento, acesso e uso dos arquivos de telejornais

O transbordamento do telejornalismo nas mídias digitais pode ser agrupado em três grandes categorias: **sites, redes sociais digitais** e os **serviços de *streaming*** (Quadro 1). O quadro descreve as plataformas e

<sup>4</sup> Método de transferência de mensagem para todos os receptores simultaneamente, a exemplo do telejornalismo.

suas possibilidades de uso enquanto canais para o transbordamento, visando o armazenamento, disseminação e compartilhamento de arquivos de mídia televisiva em ambientes digitais de informação. Diante do uso de tais plataformas, o conteúdo telejornalístico se estende para além da tela da TV e abarca novas concepções como a instantaneidade, a mobilidade, a ubiquidade e a construção da memória audiovisual.

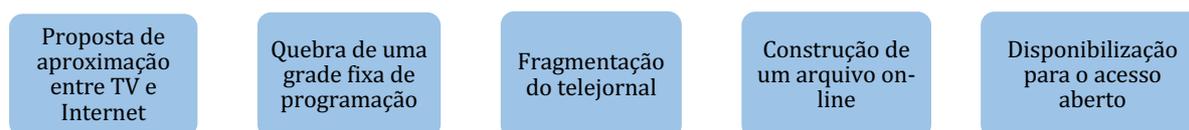
Quadro 1 – Plataformas de transbordamento do telejornalismo na internet

<b>Site</b>	Utilizados desde o final do século XX e sendo expandido pelo século XXI, como uma das alternativas digitais de transbordamento, espalhamento, armazenamento e interação com a audiência por meios digitais.
<b>Rede social digital</b>	Plataforma como o YouTube, Facebook e Instagram têm sido utilizados como formas de aproximação com a audiência, mediante a disponibilização de conteúdos de telejornais on-line. O que reflete também em novas formas de visualizar e analisar os conteúdos telejornalísticos sob a óptica da interação, usos e formas de diálogo. Assim, como dos processos de armazenamento através das redes.
<b>Serviço de streaming</b>	Empresas como a Netflix, HBO Go, Amazon Prime, Disney + e, no Brasil, o Globoplay se apresentam como novas possibilidade de oferta de conteúdo. Mas, também como formas de armazenamento, distribuição e espalhamento do conteúdo audiovisual. Esse tipo de plataforma está em diálogo com a comunicação ubíqua, móvel e multiplataforma.

Fonte: Elaboração própria baseado Palacios e Cunha (2012); Renault (2014; 2015a) e Silva *et al.* (2015).

Os conteúdos podem ser acessados **quando** (período de tempo), **como** (plataforma) e **onde** (dispositivo de acesso) o usuário preferir. Acerca da migração do conteúdo telejornalístico para os meios digitais apresenta as seguintes características (Figura 2):

Figura 2 – Migração do conteúdo da TV para a internet

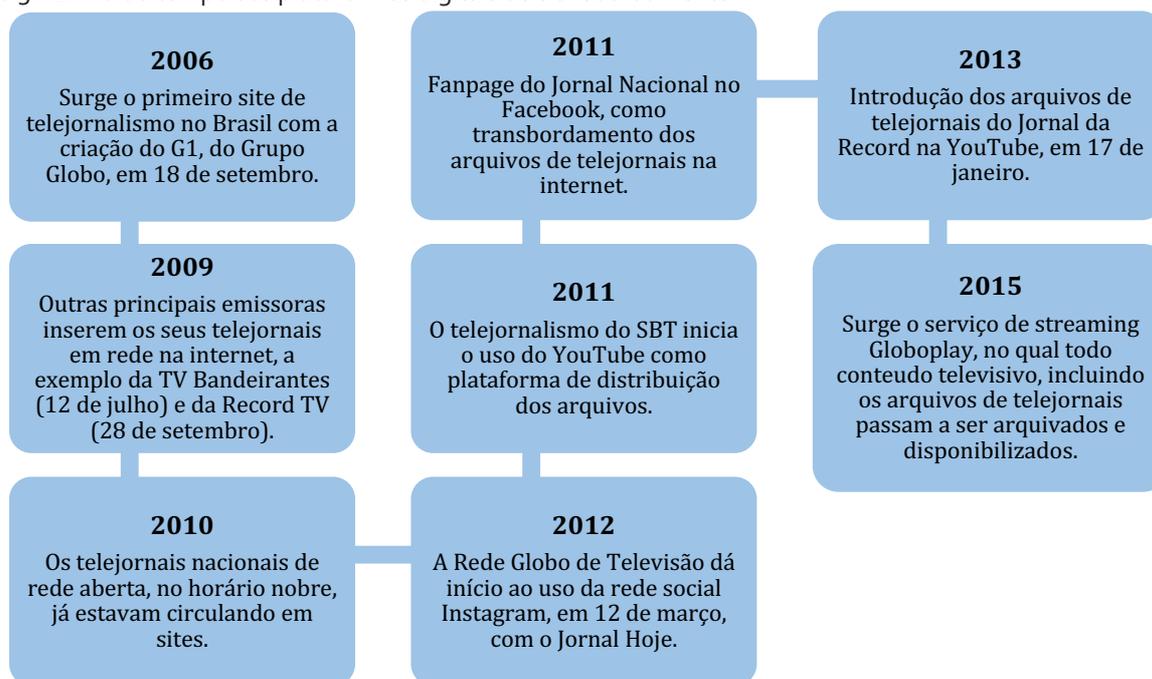


Fonte: Elaboração própria (2021).

Com isso, as características explicitadas na figura acima funcionam como rearranjos que transformam significativamente o “assistir” telejornal na internet, bem como a relação estabelecida entre televisão e internet e televisão e telespectador/usuário. Dessa forma, para além de explicitar as plataformas de transbordamento, buscou-se construir uma linha temporal sobre a inserção do conteúdo telejornalístico na internet. Essa linha do tempo foi construída mediante a observação de informações disponíveis no material bibliográfico analisado para a produção deste artigo.

A partir da reunião dessas informações foi possível estabelecer essa cronologia, sendo possível a obtenção dos dados num único lugar. E, com isso, sendo possível destacar a disponibilização desse material telejornalístico, enquanto fonte histórica e documental sobre a sociedade brasileira.

Figura 3 – Linha do tempo das plataformas digitais de transbordamento



Fonte: Elaboração própria baseado Palacios e Cunha (2012); Renault (2014; 2015a) e Silva *et al.* (2015).

Mediante a construção dessa linha temporal, foi possível observar que o transbordamento se configura como um movimento relativamente novo na história do telejornalismo brasileiro. O Grupo Globo é uma das primeiras organizações jornalísticas a inserir o conteúdo em plataformas digitais (no ano de 2006), com a criação dos seus sites de telejornais. A dispersão do telejornalismo em meios digitais, começa a ser estabelecido mediante a essa ação inicial de um dos grupos midiáticos mais influentes na história da mídia do Brasil.

Apenas três anos depois, em 2009, a Record TV e a TV Bandeirantes inseriram os seus arquivos de telejornais na internet. O que demonstra, mais uma vez, a corrida tecnológica e audiência que o Grupo Globo sempre buscou ter em seu histórico enquanto meio de comunicação massivo e ubíquo. Posteriormente as primeiras experiências em sites, as organizações jornalísticas vislumbraram nas redes sociais (*YouTube, Facebook e Instagram*), novos lugares para a extensão do telejornalismo mediante ao processo de fragmentação do telejornal.

No caso das redes sociais digitais, identifica-se um funcionamento semelhante ao site. Contudo, os aspectos da interação e medição da audiência, por exemplo, podem ser vistos de forma ainda mais imediata. Na plataforma *Facebook* os arquivos (os vídeos), podem ser curtidos, comentados e também compartilhados de forma mais instantânea gerando uma (re)circulação desse arquivo. O uso das redes sociais digitais como espaços para o transbordamento audiovisual ocasiona em novas formas de refletir sobre os aspectos da convergência entre as mídias e plataformas de comunicação. Com isso, a circulação de conteúdos funciona a partir de um fluxo mais intenso e com um volume informacional acelerado.

Já os serviços de *streaming* funcionam sob a lógica de um capital privado. Ainda que funcionando como lugares para o armazenamento e

a distribuição de conteúdos audiovisuais televisivos, essa plataforma é utilizada como um novo produto que mediante a um pagamento mensal o usuário tem acesso a uma variedade de produções tanto inéditas, quanto advindas dos canais do Grupo Globo ou compradas de empresas internacionais. No caso brasileiro apresenta-se o Globoplay, pertencente ao Grupo Globo, no qual os arquivos de telejornais, telenovelas, programas e demais conteúdos da televisão estão sendo inseridos na plataforma, como proposta de transbordamento.

É importante destacar que o uso dessas plataformas digitais condiciona no processo de (re)pensar os modelos de disponibilização, acesso e uso do material noticioso da televisão na internet (especificamente em caráter aberto, público e dinâmico) – e, também, de desenvolver novas formas de audiência e modelos de negócios. Visto que, ao longo da história – e, ainda hoje, visto que materiais mais antigos encontram-se restritos nos acervos das emissoras de TV – esses arquivos estiveram sob um total controle das organizações midiáticas, já que o Brasil não possui uma legislação acerca da liberação e acesso a esse material televisual como no casos de países como os Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, por exemplo.

Como forma de exemplificar o funcionamento desses arquivos na internet, apresenta-se o transbordamento em dois telejornais matutinos: o Bom Dia Brasil (BDB), da Rede Globo e o Fala Brasil (FL), da Record TV. No BDB, a disponibilização desses arquivos (como observado no dia 6 de abril de 2021), ocorre de forma assíncrona com a exibição do telejornal. Por exemplo, uma matéria que foi exibida no telejornal estará disponível para acesso imediato nas redes sociais, no site e no aplicativo Globoplay. Nos arquivos do BDB, os títulos e a legenda de cada vídeo explicitam o conteúdo e apresenta a data que foi criado/disponibilizado.

Outro exemplo de transbordamento é o telejornal FB que diferentemente do telejornal da Rede Globo, a disponibilização dos arquivos de telejornais não ocorre de modo assíncrono, visto que os arquivos do dia 6 de abril de 2021, ainda não estavam disponíveis no momento da coleta desses dados. E, mesmo os arquivos do dia anterior (5 de abril) não estavam todos disponíveis seja no site, no *Facebook* ou na plataforma digital Playplus – que funciona a exemplo do Globoplay.

Nesse sentido, o processo de transbordamento, a partir dos casos explicitados de forma sucinta, ainda não pode ser encarado como uma realidade disseminada e aplicada de forma estratégica nas emissoras de TV no Brasil. Pode-se inferir que é uma tendência que a cada dia irá ser mais visível, visto o processo de aceleração da convergência entre mídias e plataformas. Além dos arquivos televisivos funcionaram como formas de monetização de produtos já elaborados, finalizados e exibidos na televisão.

## 6 Considerações finais

A realização do estudo não pretende dar conta de todas as questões e dimensões do transbordamento dos arquivos de telejornais em meios digitais. O intuito, antes, é evidenciar tal movimento e a necessidade de uma discussão aprofundada no âmbito acadêmico e profissional no campo da Comunicação. Da etapa de produção à disponibilização on-line

em plataformas de acesso aberto, as imagens de arquivo do telejornalismo brasileiro funcionam não somente como uma forma de visualizar o passado e a história. Contudo, a partir desses registros audiovisuais é possível identificar, refletir e averiguar as transformações socioculturais, políticas, econômicas e compreender questões atuais do tempo presente.

Além disso, essa pesquisa também – ainda que não seja o objetivo central – busca inserir de forma inicial a necessidade de (re)pensar sobre as políticas de salvaguarda e acesso ao material telejornalístico presente nas emissoras de televisão. A construção de um acervo em caráter público possibilitaria melhores condições de armazenamento e de acesso a sujeitos distintos, que por diferentes razões necessitam utilizar esse material audiovisual. Visto que hoje, o procedimento de disponibilização é regimentada por cada emissora, com as fases apresentadas neste trabalho e sob um processo de análise que nada garante o acesso de fato aos arquivos.

Nesse sentido, a provocação explicitada nesse estudo perpassa a importância que esses arquivos têm assumido na sociedade contemporânea. Para isso, basta observar o cenário ocasionada pela pandemia desde 2020, no qual os arquivos de televisão passaram a circular seja na própria grade de programação – devido a paralisação de produtos de entretenimento inéditos –, e em *streamings* como no Globoplay como forma de gerar lucro como novos assinantes buscando conteúdos do passado.

## Referências

- BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira. Reflexões sobre o acesso aos arquivos de telejornais brasileiros. **Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 28. 2012.
- CASTELLS, Manuel. **La Galáxia Internet**. Reflexiones sobre internet, empresa y sociedad. Barcelona: Plaza & Janés Editores (colección *Areté*), 2001.
- EDMONDSON, Ray. **Arquivística audiovisual: filosofia e princípios**. Trad. de Carlos Roberto Rodrigues de Souza. – Brasília: UNESCO, 2017.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MACEDO, Roberto Gondo; CASTILHO, Alessandra. Cibercultura em um contexto de convergência tecnológica: ensino e interatividade na velocidade do conhecimento. *In*: SOUZA, Rose Maria Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de. (orgs.). **Teorias da Comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo: Intercom, 2014.
- PALACIOS, M. S.; CUNHA, R. do E. S. da. A Tactilidade em Dispositivos Móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. **Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 3, set/dez. 2012. p. 668-685.
- PORCELLO, Flávio; IHITZ, Greetchen Ferreira; PEIXOTO, Filipe. Arquivos do Telejornalismo: a memória fragmentada dos 65 anos de TV no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]** UFRGS: Porto Alegre, 2015.

- RENAULT, Letícia. De telejornal a webtelejornal: a era digital dota a reportagem audiovisual de memória disponível. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 10, 2015, Porto Alegre. **Anais [...]** UFRGS: Porto alegre, 2015a.
- RENAULT, Letícia. Webtelejornalismo: a expansão do território e o transbordamento do telejornalismo brasileiro no ciberespaço. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE PESQUISADORES DA COMUNICAÇÃO*, 12., 2014, Peru. **Anais [...]** PUC: Lima, 2014.
- RENAULT, Letícia. O amadurecimento do telejornalismo no Brasil: aos 65 anos, o telejornal disponibiliza conteúdos para o internauta e oferece novos horizontes à produção jornalística na web. *In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (orgs.). Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 4. Florianópolis: Insular, 2015b. p. 337-376.*
- RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- SILVA, Edna de Mello. Fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica. *In: EMERIN, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. (orgs.). Epistemologias do telejornalismo brasileiro. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 7. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19-36.*
- SILVA, Edna de Mello. 70 anos de telejornalismo no Brasil: a inauguração da TV Tupi e o legado do telejornal Imagens do Dia. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 43, 2020, Salvador. **Anais [...]**, UFBA: Salvado, 2020.
- SILVA, Rafael Pereira da *et al.* O ensino de telejornalismo no Brasil: práticas, perspectivas e transformações tecnológicas com o uso das redes sociais digitais. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 38., 2015. **Anais [...]**, UFRJ: Rio de Janeiro, 2015.
- VASCONCELOS, Anna Paula Andrade. **O transbordamento da mídia televisiva: uma análise do uso do VC no RNTV no telejornalismo**. 2016 86f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Natal, 2016.
- VIEIRA, Thiago de Oliveira. Os documentos audiovisuais, iconográficos e sonoros: uma análise dos atores e suas produções acadêmicas. *In: BLANCO, Pablo Sotuyo; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; VIEIRA, Thiago de Oliveira. (Orgs.). Ampliando a discussão em torno de documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e musicais*. Salvador: EDUFBA, 2016.

Artigo enviado em: 03/10/2021. Aprovado em: 25/11/2021.